

**Africanos e Crioulos no Mundo do Trabalho**

José Roberto Pinto de Góes\*

**Resumo:** Este artigo é parte de um projeto de pesquisa mais amplo, que envolve a análise de cartas de alforrias, inventários *post-mortem*, processos criminais e relatos de viajantes, todos relativos ao século XIX, e que procura indícios da complexidade da condição escrava. Trata das diferenças entre africanos e escravos nascidos no Brasil, os crioulos, no mundo do trabalho, nas áreas rurais e na cidade do Rio de Janeiro, entre 1790 e 1835.

**Palavras-chave:** Escravidão, Demografia, Rio de Janeiro.

**Abstract:** This article results from a larger research project which includes the analysis of *post-mortem* inventories, criminal lawsuits, travelers reports, all within nineteenth century, and surveys the traces of slavery complexity. It approaches the differences between africans and brazilian born slaves (the so-called crioulos) in regard to there working activities, in the countryside and in the urban center of Rio de Janeiro, between 1790 and 1835.

**Keywords:** Slavery, Demography, Rio de Janeiro

Os números apresentados a seguir foram extraídos de duas séries de inventários *Post Mortem* de proprietários fluminenses, das áreas rurais e da cidade do Rio, falecidos entre 1789 e 1835. São 858 inventários ao todo, nos quais encontram-se informações sobre 10.549 escravos. Foram estudados segundo a flutuação do volume de desembarques de africanos no porto do Rio de Janeiro. De 1789 a 1807, o tráfico cresceu a uma taxa de 0.35% ao ano, fazendo desembarcar no porto do Rio cerca de 10 mil cativos anualmente. Essa época aparece na pesquisa como a fase de estabilidade do tráfico. Após a chegada da família real, em 1808, o volume de desembarques elevou-se constantemente até o último ano pesquisado (1830, no caso das áreas rurais; 1835, no caso da cidade). De 1810 a 1825, o percentual de crescimento foi da ordem de 2.4%. De 1826 a 1835, 4.5%.

### **1. Valor de mercado e ocupação de crioulos e africanos entre 1790 e 1807**

Os escravos nascidos no Brasil custavam mais caro que os africanos, geralmente. O universo de escravos abrangidos compreende aqueles, africanos e crioulos, com idade superior aos 10 anos. Em nenhum dos períodos estudados, no campo ou na cidade, os crioulos

---

\* Doutor em História Social e professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Com apoio do CNPq e Faperj.

deixaram de apresentar um preço médio superior ao dos africanos, nem as crioulas em relação às africanas. Na área urbana, os crioulos custavam, em média, 14% a mais que os africanos. As crioulas valiam 20% a mais que as africanas. Nas áreas rurais, a diferença não era tanta, mas era igualmente significativa: 11% a mais para crioulos e iguais 11% para as crioulas, relativamente aos preços de africanos e africanas. O preço dos escravos devia refletir o tipo de trabalho que realizavam e as condições de saúde em que se encontravam. Pode-se deduzir, portanto, desde já, que os homens e mulheres africanos eram os mais aviltados pela exploração escravista. De fato, ao menos nas áreas rurais, eles adoeciam, ou eram mutilados, mais freqüentemente que os crioulos. E a maior parte estava ocupada em tarefas que não requeriam grande especialização.

O preço alcançado pelo escravo urbano era maior que o rural. Evidentemente, isso se devia à ocorrência maior de ocupações especializadas na cidade que no agro. Também não é novidade que africanos fossem mais caros que africanas e que o mesmo ocorresse na população crioula, no que diz respeito ao maior valor mercantil do trabalhador de sexo masculino. Chama a atenção, todavia, a crioula valer mais que o africano da cidade e, no campo, quase o mesmo. E muito mais do que as africanas, claro. Os africanos em geral, na verdade, valiam muito pouco, eram equivalentes ao que os seus corpos suportavam e o que as suas mãos haviam sido treinadas a fazer.

Os inventários das áreas rurais trazem anotadas a naturalidade dos cativos (isto é, se crioulos ou africanos) e sua respectiva ocupação em 486 casos. Destes, 251 são africanos, 93 africanas, 86 crioulos e 56 crioulas. A maior parte dos escravos, quase 7 a cada 10, estava empregada no serviço de roça. Os demais eram domésticos ou desempenhavam trabalhos qualificados. Os escravos com ocupações qualificadas - ferreiros, pedreiros, marceneiros etc. - salvo raríssimas exceções, eram geralmente de sexo masculino. As mulheres, por sua vez, predominavam nos afazeres domésticos.<sup>1</sup>

Aos escravos trazidos da África estava destinada, via de regra, a labuta no eito. 76% dos africanos dos plantéis rurais do Rio eram “de roça”, incluídos os pastores. As mulheres africanas chegavam a 80%. Os demais desempenhavam ocupações qualificadas

---

<sup>1</sup>São as seguintes as ocupações qualificadas, constantes dos inventários: aguardenteiro, alfaiate, arraiz de barco, barbeiro, barqueiro, bolieiro, cabelereiro, cabuqueiro, calafate, caldeireiro, campeiro, cangueiro, cantador, canteiro, capitão de mato, carpinteiro, carregador, carreiro, corduaria, cortume, feitor, ferrador, ferreiro, ganho, lapidador, marceneiro, mestre de açúcar, muleiro, oleiro, padeiro, pedreiro, pintor, polidor, quitandeira, remador, sapateiro, serrador e tanoeiro. As semiquilificadas são: costureira, cozinheira, engomadeira, lavadeira, quitandeira, rendeira, serviço de casa, serviço de cozer e vendedor ambulante. As não qualificadas, por sua vez, são as seguintes: carregador, enfardador de sal, pastor, remador, servente, serviço de chácara, serviço de mangue, serviço de obras e serviço de roça. Entre os escravos domésticos, incluem-se as seguintes ocupações: ama-seca, copeiro, costureira, cozinheira, doméstico, lavadeira, mucama, pagem e rendeira.

(quase sempre os homens) ou eram domésticos (quase todas as mulheres). Os crioulos tinham destino menos certo: apenas metade dos homens eram “de roça”; e as crioulas menos ainda. Quatro a cada dez crioulos homens eram trabalhadores com alguma qualificação ocupacional e mais da metade das crioulas eram escravas domésticas. Como se pode ver, uma diferença significativa apartava crioulos e africanos no mundo do trabalho, no agro fluminense, nessa época de estabilidade do tráfico de escravos africanos.

Examinemos mais detidamente o caso dos escravos domésticos. Eles estão representados, nas áreas rurais, por 72 indivíduos, sendo 47 mulheres e 25 homens. A maior parte é vagamente descrita por “doméstico” ou “da casa”. O trabalho feminino era largamente predominante entre essas ocupações. A casa do senhor, mesmo destinando a maior parte das escravas ao trabalho no eito, se fazia cercar de mulheres escravas: elas eram cerca de 2/3 da escravaria doméstica do agro, na época de estabilidade do tráfico. Observe-se ainda que, dessas 47 mulheres, 30 eram crioulas e possuíam a idade média de 24 anos.

Na cidade, o universo de escravos com naturalidade e ocupação anotadas nos inventários é menor: 411 casos, sendo 204 africanos, 105 africanas, 52 crioulos e 50 crioulas. Na época de estabilidade do tráfico, eram relativamente poucos os trabalhadores não qualificados (menos de 10% da escravaria), certamente em função da demanda urbana por serviços especializados. Mas, como no agro, o trabalho mais simples, e possivelmente o pior, era característico do africano. Dos homens, ao menos: cerca de 15% deles eram carregadores, remadores ou empregados em chácaras. Apenas um crioulo não possuía nenhuma qualificação ocupacional. A maior parte dos escravos urbanos, a essa época, era formada por trabalhadores semiqualiificados - costureiras, lavadeiras, vendedores ambulantes e, sobretudo, os nomeados um tanto imprecisamente de “serviço de casa”. Quase todas as escravas da cidade possuíam uma ocupação desse tipo. Um quarto do contingente crioulo era formado por trabalhadores semiqualiificados, razão que se elevava quase 46% no caso dos africanos. Os trabalhos especializados, como no campo, também era coisa de homem. E mais do crioulo (73% deles eram qualificados) que do africano (39%). Africanos e crioulos, também na cidade do Rio de Janeiro, tendiam a ocupar lugares diferentes no mundo do trabalho.

## **2. Valor de mercado e ocupação de crioulos e africanos entre 1810 e 1830 (35)**

O primeiro aspecto a chamar atenção é a acentuada redução na diferença de preços entre crioulos e africanos de ambos os sexos, tanto no campo como na cidade. Nas áreas rurais, onde o preço médio do crioulo era 11% superior ao do africano, essa diferença

despencou para 4%; entre crioulas e africanas, caiu também de 11% para 5%. Na cidade, no caso dos homens, a diferença, que havia sido 14%, situou-se em 11%; no caso das mulheres, caiu de 21% para 15%.

Nos inventários do agro fluminense há anotados os casos de 1368 escravos com naturalidade e ocupação conhecidas, sendo 733 africanos, 234 africanas, 232 crioulos, e 196 crioulas. O percentual de trabalhadores com uma ocupação especializada, que permaneceu um privilégio dos homens, cresceu entre as populações africana e crioula (de 17% para 30%). Na verdade, ampliou-se consideravelmente, nos inventários, o espectro de ocupações escravas. Carvoeiros, oleiros e tropeiros, por exemplo, não constavam dos inventários do período de estabilidade. Nem capitães do mato, que, nos inventários de 1810 a 1825, eram em número de cinco. A expansão econômica havida naqueles anos alargou o arco de ocupações cativas, atraindo africanos e crioulos. Também cresceu em importância o contingente destinado aos afazeres doméstico, por então quase 1/5 da população cativa. E declinou o número relativo dos escravos descritos como “de roça” (de 69% para 51%).

As maiores alterações se verificaram em meio à população africana de ambos os sexos. Os homens transitaram em maior volume para as ocupações qualificadas e até para as tarefas domésticas. Os escravos crioulos continuaram melhor situados no mundo do trabalho, mas a diferença que os apartava dos africanos tornara-se menor. A variação do preço médio de crioulos e africanos expressa isso. Os africanos qualificados, que haviam sido 18% da população estrangeira, era então 37%. O percentual dos escravos destinados ao eito, entre eles, declinou de 76% para 56%. Os crioulos também se tornaram mais freqüentemente especializados e menos “de roça”, embora tais variações não tenham sido tão acentuadas: respectivamente, de 40% para 56% e de 50% para 39%.

As mulheres africanas mais que duplicaram a presença na casa do senhor. Eram domésticas apenas 18% das africanas, no período de estabilidade do tráfico. Nessa época de expansão, chegavam a 43%. Isso expressava o ímpeto com que deixavam de predominar, entre elas, as que trabalhavam com foices e enxadas. A população crioula feminina praticamente não se mexeu: eram domésticas 54% dos casos e passaram a 55%; eram do eito 45%, tornaram-se 44%.

Os escravos domésticos dessa fase são em número de 262: 56 africanos, 100 africanas, 13 crioulos e 93 crioulas. Como se pode perceber, cresceu a presença africana entre eles. Entre 1810 e 1835, considerado globalmente o ciclo de expansão do tráfico, os africanos predominavam sobre os crioulos até na casa do senhor. Ao mesmo tempo em que isso acontecia, tornava-se mais acentuado ainda o domínio da população feminina entre essa

escravaria, que elevou-se de 65% para 74%. Gilberto Freyre, onde quer que esteja, haveria de gostar de conhecer esses números.

O número de casos de escravos urbanos com profissão e naturalidade assinalados, nessa fase de expansão, é 1762, sendo 1033 africanos, 490 africanas, 119 crioulos e 120 crioulas. Observe-se como é relativamente pequena a amostragem de crioulos, a refletir a crescente e exagerada predominância de africanos na área urbana do Rio, conforme se ampliava o número de desembarques no porto da cidade.

Na cidade, aumentou relativamente o número de escravos destinados a ocupações qualificadas e dos alocados em serviços não especializados, ao mesmo tempo em que declinou o daqueles ligados às ocupações semiqualficadas. É plausível que, tornada sede do Império lusitano, com a chegada da família real e a subsequente abertura dos portos, a cidade do Rio visse crescer o número de escravos marceneiros, ourives, sapateiros etc. A proliferação de trabalhadores não qualificados, por outro lado, também se pode constatar em outros tipos de fontes. A grande presença de carregadores, remadores etc., são fartamente descritos em relatos de viajantes a essa época. Spix e Martius, por exemplo, segundo disseram, no dia em que desembarcaram no Rio, no ano de 1817, apenas com muita dificuldade conseguiram livrar-se da “barulhenta turba de pretos e mulatos seminus”, que, insistentes, ofereciam aos cientistas seus serviços. Era a “classe operária” do lugar que, pela cor e variedade de línguas que falavam enquanto carregavam “de um lado para o outro as cargas sobre varas”, lembraram a ambos que estavam num “estranho continente do mundo” (SPIX e MARTIUS, 1976: 41- 45). Certamente, o número de trabalhadores empregados nesses afazeres há de ter aumentado na cidade do Rio após 1808. No entanto, o que os inventários também registram é o crescimento significativo dos escravos empregados em serviços de roça e “chácara”. Isso significa que a fonte pesquisada abrange os escravos da periferia rural da cidade, cujos proprietários deviam residir ou ter negócios no centro urbano carioca. É uma característica dessa série de inventários que, se não invalida as conclusões que se possa chegar a respeito do trabalho escravo urbano, deve ser retida.

Quanto à variação das posições de africanos e crioulos de sexo masculino no mundo do trabalho, da mesma forma que acontecera nas áreas rurais, a distância que apartava a ambos tendia a diminuir, conforme aumentava o volume de desembarques no porto do Rio de Janeiro. Metade dos africanos, nesta época de expansão, eram trabalhadores qualificados, quando no período anterior não passavam de 40%. A variação da situação dos crioulos conheceu caminho inverso: 73% deles eram qualificados antes; por então, esse percentual declinara para 66%. O destino dos crioulos urbanos era mais incerto, a esta época. Apenas

2% deles eram escravos não qualificados na fase anterior; contudo, entre 1810 e 1835, 9% deles engrossavam o contingente dos cativos sem uma ocupação qualificada, na cidade.

Mas a população escrava crioula masculina continuava a desfrutar de uma posição mais privilegiada no mercado de trabalho urbano carioca. Eles ainda eram mais tipicamente trabalhadores qualificados e eram relativamente raros entre o contingente dos escravos que se desincumbiam das tarefas mais pesadas, na cidade. Os africanos, por outro lado, provavelmente em razão da maior demanda por esse tipo de serviço no núcleo urbano, que eram não qualificados na proporção de 15%, na época de estabilidade do tráfico, passaram a sê-lo na proporção de 21%, depois. Mas, apesar disso, a situação desses últimos sem dúvida se alterara para melhor, e isso, evidentemente, haveria de refletir-se na diferença de preços entre escravos brasileiros e estrangeiros, tornando-a menos acentuada.

No que diz respeito ao contingente urbano de escravos semiqualficados, a redução relativa de seu número em proveito de qualificados e não qualificados não pode obscurecer o fato de que eles continuaram a ser o maior grupo ocupacional da cidade: eram 62% dos escravos, passaram a ser 52% da escravaria urbana. Nele se concentravam as escravas da cidade, as quitandeiras, lavadeiras e, sobretudo, as nomeadas de “serviço de casa”. Os africanos eram menos freqüentemente escravos semiqualficados, à essa época. Haviam se ocupado desse tipo de atividades 46% deles no período anterior; por então, não chegavam a 30%. A freqüência desse tipo de ocupação entre crioulos, crioulas e africanas não se alterou substancialmente.

Quanto aos escravos domésticos, entre os quais, como em tudo na cidade, predominava a população africana, aumentou ainda mais a presença das mulheres. A exemplo das áreas rurais, o trabalho escravo referido à casa do senhor chamava a si preferencialmente as mulheres: elas eram metade dos cativos domésticos na fase de estabilidade e passaram a 53% quando da expansão do tráfico.

### **3. Tráfico atlântico e hierarquia na comunidade escrava**

A análise do preço e a situação ocupacional dos africanos e crioulos mostrou que algum tipo de hierarquia organizava a vida da população escrava no Rio de Janeiro. Os crioulos custavam mais ao bolso do senhor porque, em primeiro lugar, ocupavam as melhores posições no mundo do trabalho, seja nas áreas rurais, seja na urbana. O que significava para o escravo uma melhor situação no mundo do trabalho? Os viajantes achavam que queria dizer maiores possibilidades de obter acesso ao mundo dos homens livres, na condição de liberto.

Debret, por exemplo, observou que eram os mestiços (crioulos, portanto) os mais contemplados com alforrias, após o quê freqüentemente tornavam-se bons trabalhadores qualificados. Já o deviam ser antes, ao tempo em que, ao trocarem cumprimentos entre si, se desejavam “*Deus te faça branco*”, isto é, Deus te faça branco (DEBRET, 1978: 162-169).

Deus te faça livre e próspero, como o branco, assim se deve escutar o cumprimento escravo.

Koster tinha razão: o horizonte da escravidão, nesse preciso sentido, possuía distâncias desiguais para africanos e crioulos. (KOSTER, 1978: 400-401) De 1790 a 1835, na região estudada, os escravos nascidos no Brasil estiveram mais próximos da liberdade que os demais. Seria tolice desprezar as conseqüências disso na vida de toda a escravaria, apenas porque a expectativa de liberdade para muitos crioulos, via de regra, se revelava, um dia, a grande quimera que sempre havia sido. Numa sura do Alcorão se diz que os infiéis estão condenados à perda de suas ilusões. Pois bem, pode-se facilmente imaginar que o crioulo, fiel à vontade que tinha de vir a ser *branco*, não era tolo de exigir ares de certeza à ilusão.

Tabela 1: Preço dos escravos do agro com idade superior ou igual a 10 anos

	africanos				crioulos			
	homens		mulheres		homens		mulheres	
	#	\$	#	\$	#	\$	#	\$
B	493	78.362	286	69.898	232	87.989	214	78.326
A	1356	30.05	553	25.34	451	31.41	363	26.80

Os preços do primeiro período estão em mil-réis; os demais, convertidos para libras esterlinas. A: 1810-1835; B: 1790-1807. Fonte: Inventários *Post Mortem*, 1790 – 1830, Arquivo Nacional.

Tabela 2: Preço dos escravos da cidade com idade superior ou igual a 10 anos

	africanos				crioulos			
	homens		mulheres		homens		mulheres	
	#	\$	#	\$	#	\$	#	\$
B	302	88.370	149	75.399	85	103.171	85	94.896
A	1370	29.36	661	28.35	169	32.94	168	33.48

Fonte: Inventários *Post Mortem*, 1790 – 1835, Arquivo Nacional.

Tabela 3: Situação ocupacional dos escravos do campo, 1790-1830

	Qualificados				Semi-qualificados				Não qualificados				Totais	
	africanos		crioulos		africanos		crioulos		Africanos		crioulos		africanos	crioulos
	#	%	#	%	#	%	#	%	#	%	#	%		
B	25	7.4	23	16.3	49	14.4	48	34.1	266	78.2	70	49.6	340	141
A	187	20.1	92	23.2	198	21.2	140	35.3	547	58.7	165	41.5	932	397

Fonte: Inventários *Post Mortem*, 1790 – 1830, Arquivo Nacional.

Tabela 4: Situação ocupacional dos escravos da cidade, 1790-1835

	Qualificados				Semi-qualificados				Não qualificados				Totais	
	africanos		crioulos		africanos		crioulos		africanos		crioulos		africanos	crioulos
	#	%	#	%	#	%	#	%	#	%	#	%		
B	43	17.0	19	22.6	188	74.3	63	75.0	22	8.7	2	2.4	253	84
A	407	30.3	68	29.7	747	55.6	151	65.9	190	14.1	10	4.4	1344	229

Fonte: Inventários *Post Mortem*, 1790 – 1835, Arquivo Nacional.

Tabela 5: Distribuição das ocupações por naturalidade e sexo: áreas rurais, 1790-1830

1790-1807							
	Qualificados		Domésticos		Roça		Total
	#	%	#	%	#	%	#
Africanos	44	17.5	16	6.4	191	76.1	251
Africanas	2	2.1	17	18.3	74	79.6	93
Crioulos	34	39.5	9	10.5	43	50.0	86
Crioulas	1	1.8	30	53.6	25	44.6	56
Total	81	16.7	72	14.8	333	68.5	486
Homens	78	96.3	25	34.7	234	70.3	
Mulheres	3		47		99		
1810-1830							
	Qualificados		Domésticos		Roça		Total
	#	%	#	%	#	%	#
Africanos	270	36.8	56	7.6	407	55.6	733
Africanas	13	5.6	100	42.7	121	51.7	234
Crioulos	130	56.0	13	5.6	89	38.4	232
Crioulas	1	0.6	93	55.0	75	44.4	169
Total	414	30.3	262	19.1	692	50.6	1368
Homens	400	96.6	69	26.3	496	71.7	
Mulheres	14		193		196		

Fonte: Inventários *Post Mortem*, 1790 – 1830, Arquivo Nacional.



Tabela 6: Distribuição das ocupações por naturalidade e sexo: cidade, 1790-1835

1790-1807							
	Qualificados		Semi-qualificados		Não qualificados		Total
	#	%	#	%	#	%	#
Africanos	80	39.2	93	45.6	31	15.2	204
Africanas	4	3.8	99	94.3	2	1.9	105
Crioulos	38	73.1	13	25.0	1	1.9	52
Crioulas	0	-	50	100	0	-	50
Total	122	29.7	255	62.0	34	8.3	411
Homens	118	96.7	106	41.6	32	94.1	
Mulheres	4		149		2		
1810-1835							
	Qualificados		Semi-qualificados		Não qualificados		Total
	#	%	#	%	#	%	#
Africanos	513	49.7	307	29.7	213	20.6	1033
Africanas	7	1.4	464	94.7	19	3.9	490
Crioulos	78	65.6	30	25.2	11	9.2	119
Crioulas	1	0.8	117	97.5	2	1.7	120
Total	599	34.0	918	52.1	245	13.9	1762
Homens	591	98.7	337	36.7	224	91.4	
Mulheres	8		581		21		

Fonte: Inventários *Post Mortem*, 1790 – 1835. Arquivo Nacional.

### Obras Citadas:

DEBRET, Jean Baptiste. **Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil**. Belo Horizonte : Editora Itatiaia ; São Paulo : Editora Universidade de São Paulo, 1978.

KOSTER, Henry. **Viagens ao Nordeste do Brasil**. Secretaria de Educação e Cultura, Governo do Estado de Pernambuco, 2a. ed., Pernambuco, 1978.

MARTIUS, K.F.P. e SPIX, J. B. **Viagem pelo Brasil**. 3a. ed. São Paulo, Ed. Melhoramentos, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Instituto Nacional do Livro, 1976.